



Para além da nossa missão junto dos rapazes da rua moçambicanos, procuramos refazer a vida do povo da nossa área — penalizado pela fome e pela guerra. Aqui temos uma das micro-empresas: a carpintaria.

Moçambique

Seara imensa!

HÁ projectos, neste Moçambique, para refazer a vida do povo penalizado pela fome e pela guerra. É tudo tão complicado que a gente se admira como são tantos para ajudar tão pouco. Corremos para não perder migalhas, mas perdemos o ânimo.

Porém, há momentos saborosos também. Hoje, domingo, um dia com núvens que deram chuva noutros lados, aqui nada. Veio pela manhã uma família amiga e deixou valiosa ajuda. É a segunda vez que ele vem a Moçambique ensinar a pescar atum. Milhões de dólares da FAO foram gastos. Regressa com o amargo de ver o seu trabalho sem continuidade. Dinheiro jogado ao mar.

De tarde veio um grupo de jovens com o Pároco e uma Irmã Hospitaleira. Veio também o João Paulo, enamorado dos nossos rapazes, mas sem coragem para largar tudo, como o Carlos Roda. Que insondáveis os desígnios de Deus! Deixou tudo e todos e veio sem conhecer. Confiou apenas. E que esperança, que juventude, que riqueza traz

à nossa vida em começo. Na escola, na catequese, nos caminhos à cidade, com os mais pequeninos às costas; de balde na mão ajudando nas limpezas, escrevendo à máquina, pela noite dentro — não tem sossego.

Mil graças a Deus que nos mandou tão precioso colaborador. Somos agora três e há lugar para mais. É imensa a Seara!

As nossas obras

Estou finalmente mais livre para o acompanhamento das obras. Os pedreiros, esta semana, acabam o reboco de duas salas, aqui na Massaca. Uma para escolinha dos pequeninos da Aldeia e outra para dar mais largueza aos trinta e sete que temos. Outro pedreiro está a colocar os vidros numa pequena casa para os antigos gaiatos que trabalham connosco. São três quartos e uma saleta. É um modelo das que pretendemos levantar na Aldeia, para umas sessentas famílias. Isto se uma instituição suíça, a «Helvetas», subsidiar a autoconstrução.

Chegou o momento de fazer alguma coisa na fazenda. É lá a nossa Escola. A Unicef deu uma ajuda para recuperar três salas.

Estamos a trabalhar, há muito, no projecto da Aldeia. Foi elaborada uma memória descritiva completa. Vai proceder-se ao levantamento topográfico necessário à implantação do conjunto das construções. Quando os nossos olhos poisam no local parece verem tudo feito. Por enquanto, só Deus sabe mesmo. Mas, de Lisboa, já veio uma luz. Dois mil contos foram entregues no Tojal para a primeira casa. Tomo o gesto como uma chamada de Deus à confiança. O dinheiro se não vier na rede que a gente lança, virá no anzol.

Padre José Maria

A ESCOLA

Algo de viciado que a desvirtua

SEGUNDO as informações prestadas pelos cronistas das nossas Casas, o ano lectivo findo, estatisticamente, até não foi mau.

Também em Paço de Sousa assim aconteceu: O sucesso nas Escolas Secundárias foi de cem por cento. No Ciclo Preparatório, alguns dos poucos reprovados até teriam passado se o critério fora somente o da pontuação atingida e não contasse negativamente o nosso conhecimento da verdura do aproveitamento deles, mais prestes a secar do que a frutificar. Daí que uma repetência a este nível possa ser muito válida, sobretudo para os que se pensa que hão-de prosseguir estudos.

Na Primária, o mesmo digo das duas classes finais; que as outras duas são de arranque muito difícil e aí o insucesso e o sucesso quase empatam. Além das dificuldades pessoais de alguns, pesa a transição de uma vida associada para outra com princípios e regras que não se assimilam rapidamente.

Todavia a Escola preocupa-nos. Há no ar que devia oxigená-la algo de viciado que a desvirtua. Porquê, aqui em Casa, uma população escolar, em número e na origem semelhante à de vinte e trinta e mais anos atrás, hoje com sete turmas e dois professores de apoio, então com três turmas apenas, algumas a funcionar com duas classes — porquê tão arrastadamente atinge hoje os objectivos que então se alcançavam sem dramatismo, objectivos sem os quais ninguém presumia ultrapassar este nível primário de escolaridade: ler, escrever e contar?!

Procuram-se razões e desenvolvem-se programas na área da alimentação. Muito bem! Mas também neste ponto as condições de outrora eram bem mais desfavoráveis. E se compararmos a cobertura escolar dos nossos dias com as distâncias que tantas crianças desses tempos tinham de percorrer para frequentar a Escola — que havemos de concluir?

Eu concluo que todas estas mudanças foram boas. Nos escritos desses tempos já Pai Américo falava no leite e no pão a distribuir nas Escolas a meio do horário de cada dia; e sempre referia calorosamente qualquer iniciativa de uma cantina escolar, aqui e ali, nas raras oportunidades de o fazer. Sim, todos estas mudanças foram boas, mas não está nelas o remédio do vírus que afecta a Instituição Escolar.

Continua na página 4

Tribuna de Coimbra

Mães que abandonam os filhos

Asair da povoação um homem pediu boleia. Na viagem começámos a conversar. Tem vinte e cinco anos e com aspecto de inquietação. Disse que andava à procura da mulher que tinha saído de casa com as duas filhinhas de três e um ano, a noite passada. Nem são casados, nem registados, mas há cinco anos que estão juntos e ele nunca viveu com mais nenhuma e tem muito amor às filhinhas. Disse que foi comunicar à Guarda, mas... «eles são capazes de não fazer nada». E disse muito mais coisas. Era o fim da viagem e despedimo-nos.

É mais um caso. Mais um a juntar a muitos outros. Hoje parece que está na moda. Muitas mães a abandonarem os filhos. Temos nas nossas Casas muitos deles abandonados pelas mães. Esta levou as duas. O pai lastimava-se: «Não há homem nenhum que aceite uma mulher com duas crianças».

Isto é tema de meditação. Nós temos obrigação de fazer guerra as estas situações. Não podemos ficar quietos, instalados na nossa preguiça. Todos temos de fazer guerra e procurar curar estas feridas tão do nosso tempo.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO — O torrão que ora pisámos, pela mão dos filhos, é uma região em vias de desenvolvimento com problemas comuns a todo o País. Curiosamente, na solução deles intervêm as comunidades, o poder público, os meios de comunicação social. Nós sabemos que os planos desenvolvimentistas geram, por vezes, condenáveis assimetrias quando se olha mais para os cifrões do que para o Homem todo — especialmente os Pobres... E criam marginais, ferem tradições ancestrais, o equilíbrio das famílias, etc.

Aqui, à primeira vista, parece que não tem a cabeça na areia. O problema da habitação é tema de *caixa alta*. Por isso, admirados ficámos com a vitalidade da Autoconstrução, acariando para Juntas de Freguesia, pela pirâmide dos poderes públicos. Boa nova! Experiência e comportamento úteis para os homens públicos de todo o País. Assim, cumpre-se a Lei fundamental e os Pobres têm o que lhes falta: casas com um mínimo de decência, levantadas por suas mãos.

PARTILHA — Dois contos do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados e em geral dos mais envergonhados, da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, por uma intenção minha que Deus e Nossa Senhora sabem».

A presença habitual da assinante 31104, de Lisboa, com um «desabafo porque não tenho ninguém a quem o possa fazer» — disse. É verdade, o problema da solidão não atinge só o reino dos Pobres!

Mais cinco mil, da assinante 31254, de Fiães, «para algumas telhas que sejam precisas na reconstrução da casa da velhinha». Muito curiosa a citação impressa na carta: «Para anunciar a boa nova aos homens de hoje, o profeta deve ser um homem que irradie felicidade».

Três mil, do nosso Elísio. Toma lá um forte abraço e a amizade de sempre. A «pequenina contribuição» remetida pela «Avó dos cinco netinhos», e sempre «com muito carinho por todos os Pobres a quem acudis». Partilha completa!

Mais cinco, da assinante 14493, do Porto. «É pouco para tanto, tanto que cada vez é mais preciso». Agora, chega a «contribuição habitual» da assinante 20856, de Espinho. Idem, da assinante 9708, de Coimbra, «pequena ajuda para a compra de medicamentos». A missiva traz no topo esta citação de S. Gregório Magno: «*Bom dia! A Humildade é mestra e mãe de todas as virtudes*». Assim afirma o nosso Mestre e todos os mestres da vida espiritual.

O assinante 11902 não falha. Traz o óbulo do costume em duplicado porque «estamos no mês do subsídio de férias». M. E., da Foz do Douro, manda vale do correio «que gostaria fosse para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para um caso mais aflitivo, por alma de minha querida mãe que, se fosse viva,

Pelas CASAS DO GAIATO

faria 100 anos. Que saudades! Deus a tenha no Céu». Não há melhor amor que o da Mãe!

A costumada presença de Santa Cruz do Douro, com boas notícias. Mais dez mil, da assinante 21319, de Guimarães, «em sufrágio das almas dos meus familiares».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

diferente, graças à ajuda do grupo da lenha que, diariamente, é dirigido pelo Neca e Quim-Zé.

Victor Torcato

CONVÍVIO — No dia 25 de Julho, recebemos os Tarcísios do Porto. Um convívio animado, começando pelo futebol de salão, no nosso rinque. Resultado final: 8-7, a nosso favor.

O sistema de rega ajuda a mantê-lo verde e os da erva lá andam no interior do milheiral a ceifá-la para as vacas produzirem leite. Também nas pocilgas existe bastante movimento, porque uma das porcas está cheia.

A fruta começa a amadurecer e alguma já foi colhida, sendo agora saboreada pelos rapazes.

FÉRIAS — A nossa Casa encontra-se quase deserta porque

Ainda virá um grupo de Anadia. E, depois, as meninas da Casa do Menino Jesus, da Covilhã. Gostamos muito de ver a nossa casa cheia de vidas. Desejamos que todos tenham boas férias.

Frederico

TOJAL

FÉRIAS — As nossas começaram há quinze dias, na colónia de férias de Setúbal e de Mira. O edifício da Ericeira tem cada vez menos condições, pois já lá vão quase 30 anos, e, de ano para ano, aparecem sempre vestígios da passagem de vândalos; janelas partidas é sempre o forte. Apesar de tudo ainda se goza nela umas boas férias.

Esta semana há mudança de turnos. Uns a chegar, outros a partir. Comentários: «Querias mais?», «tu também?» Mas sempre tudo alegre e bem disposto. A quem está, e a quem ainda vai, desejamos boas férias.

LIMPEZA — Sempre que chega a altura do Verão a limpeza geral chega às nossas residências: lavar paredes, esfregar o chão, dar cera. É tarefa difícil, mas que se faz com gosto.

OBRAS — Acabámos umas, outras pelo meio e a agora que chegou o Verão teve que ser no refeitório e cozinha, pois já não davam grandes hipóteses de trabalho. Estamos curtos de ver onde iremos comer e como ficaremos. O nosso Padre Cristóvão lá vai dizendo aqui uma coisa, ali outra. A obra ficará bonita. Se que nos dias de hoje quando se quer algo bonito é preciso trabalhar porque as obras são muito chatas no bolso. Por isso, há lá rapazes a desentulhar, pois quanto mais pouparmos hoje mais teremos amanhã.

ESCOLA — Acabou o ano lectivo. O balanço não foi mau. Na Primária houve muitas passagens e alguns chumbos. No Sagens, de 15 aprovaram 2; e, no Liceu, de 16 aprovaram 3. Queremos agradecer aos amigos que, durante o ano, mandaram material escolar, não esquecendo os que se deslocaram até nós para nos darem explicações. Obrigado e parabéns a quem passou.

CARAS NOVAS — Chegaram mais dois: o Rui e o Luís. Para este, que já cá tinha um irmão mais velho, o seu encontro foi de muita alegria. Só se tinham visto uma vez. Esperamos que se sin-

tam felizes em nossa comunidade. Têm dado provas disso.

FUTEBOL — No dia 28 de Junho foi a vez dos mais velhos mostrarem aos mais novos também ganhar. Defrontámos um grupo, daqui perto. O jogo estava apetitoso. Era gente que sabia jogar muito bem. Vencemos por 1-0.

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Em altura de férias, com os vicentinos a gozarem as suas, depois de um ano de trabalho, as crónicas da nossa Conferência nem sempre saem na hora certa.

Não quer dizer que os nossos Pobres fiquem sem visita; os que cá estão contemplanos as necessidades, atendidas normalmente.

Da minha parte dou notícias das três velhinhas já faladas. Duas delas, como já sabem, são bastante doentes e com muitas dificuldades materiais, visto a reforma de miséria não chegar, na maioria das vezes, para a farmácia. No entanto, o seu rosto mostra sempre um sorriso de alegria que só pode vir do Senhor. De contrário, não teriam muito por que rir.

A outra dá mais canseiras. Tem o filho preso e continua a tomar conta da netinha com três anos. A nora está grávida outra vez, com a agravante de ter julgamentos pendentes de resolução do risco de lhe aparecer um mandado de captura.

Quem mais sofre com tudo isto é a pobre senhora. Sofre pelo filho, pela neta e pela nora, apesar desta a tratar tão mal.

Santos dos nossos dias visitamo-los nós nestas ruas sujas e tristes, que fazem parte do património cultural do grande Porto.

Desta senhoras poderia escrever sem fim, tanto me têm ajudado a crescer espiritual e humanamente. Obrigada Senhor por as teres posto no meu caminho.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — 5.000\$00 do assinante 48882 para ajuda de uma fogão. 7.000\$00 de M. M. para a renda de uma das três velhinhas aqui referidas. Assinante 39190, 5.000\$00. De Távira, alguém que pede anonimato, 10.000\$00. De M. da Encarnação e Elizabete, 2.000\$00. Uma família amiga, de Coimbra, 19.600\$00. Anónimo 10.000\$00 e Anónima outro tanto para alguém em dificuldade, fazendo que «as necessidades são muitas e a migalha que vai é pequenina mas com muito carinho. Um abraço amigo para toda a equipa da Conferência». Pela nossa parte, muito obrigada. Da grande amiga O. Leonilde, 7.000\$00. De M. Cândida, pela alma de seu irmão, 2.000\$00 e cheque de 10.000\$00 escudos em nome da Conferência de Lisboa. Para todos o nosso muito obrigado e votos de boas férias.

Uma vicentina



Grupo coral de Paço de Sousa

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — O segundo turno já regressou e os rapazes muito alegres e morenos. Agora, esperamos o mesmo com o terceiro turno.

AJUDA — Vieram colaborar conosco duas jovens, a Sandra e a Isabel. Têm-se portado bem. É pena estarem por aqui só durante uma semana.

AGRICULTURA — O milho tem crescido razoavelmente, pois tem sido bem tratado pelo grupo do campo.

A batata já foi recolhida e, este ano, houve dela para encher todos os nossos celeiros.

POCILGA — O nosso Padre Carlos trouxe um porco de Miranda do Corvo. Já se encontra na nova família e esperamos que não tenha saudades de lá!

OFICINAS — Como é tempo de férias — dos nossos Pobres estão ausentes das oficinas. Por isso, todos os que ficaram esforçam-se um pouco mais.

LIMPEZA — A nossa Aldeia, ultimamente, anda bonita e limpa. Cortaram as sebes. Está

Depois, uma sardinhada servida por eles, muito boa, partilhada pela comunidade. Um convívio animado!

No bar, foi a parte de conversa, com o café pelo meio. Falámos do jogo, da sardinhada e de clubes nacionais, principalmente do glorioso Benfica.

À despedida, fizeram um convite muito especial: irmos ao Porto jogar com eles. O prélio será muito importante para as duas formações, pois é a apresentação da equipa do União dos Tarcísios aos sócios do clube.

Vamos lá jogar. É uma honra para nós, sendo a primeira vez que nos convidam para a apresentação duma equipa de futebol de salão.

É sempre bom confraternizar.

Réporter x

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Recolhemos as cebolas. Uma boa colheita. Eram grandes e boas. Os tomateiros recuperaram e produzem bons tomates para as refeições. O feijão está bom para ser apanhado. O milho vai crescendo e tem um bonito aspecto.



BENGUELA

CARAS NOVAS — No dia 9 de Julho o nosso Padre Manuel, depois de várias horas de espera no aeroporto de Benguela por causa de voos cancelados, fez a sua viagem com destino a Luanda numa avioneta, pois no dia 10, às 7 horas da manhã, tinha que estar em Luanda para receber os nossos irmãos que vieram de Paço de Sousa. São eles: Ricardo Morais, João Carlos e o José de Angola, que, por sorte, ainda chegaram aqui no mesmo dia, sendo recebidos com amor e carinho.

LAVOURA — Depois de várias e atarefadas correrias, o nosso Padre Manuel conseguiu um tractor que nos preparou o terreno da parte da frente da Casa do Gaiato, que se destina à sementeira de cebola. Duma outra empresa, da Catumbela, mandaram uma máquina que desbastou um grande terreno das traseiras da Casa destinado a outras culturas. O tempo dirá.

O nosso tractor novo já deu sinais de vida. Foi um amigo do nosso Solano que fez favor de no-lo trazer de Luanda no seu camião. Para ele vai o nosso muito obrigado. Contamos com a sua ajuda.

CASA-MÃE — Já começamos com as limpezas, pois a casa encontra-se muito suja e estragada, principalmente na cozinha e quartos de banho que ficaram sem uma única bacia e sanitas e os aros das portas podres até ao meio.

Por agora é tudo, de Benguela, com o seguinte endereço: *Casa do Gaiato de Benguela — C. P. 820 — Benguela — Angola*. Para todo vós um grande abraço.

Benjamim Alves

Chamamento

*Dentro do meu peito
Existe um claro amanhecer
Sem receio*

*De chegar ao fim e escurecer.
Alguém o quer viver?*

*Dentro do meu peito
Existe uma vida
Feita de realidades e fantasia
Sem receio
De enlouquecer.
Alguém a quer conhecer?*

*Dentro do meu peito
Existe um mundo personalizado
Sem receio
De se tornar diversificado.
Alguém o quer compreender?*

*Dentro do meu peito
Existe uma criança a chorar
Com receio
De crescer
E sofrer.
Alguém a quer amar?*

Manuel Amândio

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

CONVÍVIO ANUAL — Em 19 de Julho realizámos a nossa Festa-Convívio anual em Paço de Sousa, comemorando, assim,

os 36 anos que o nosso Pai Américo nos deixou.

Este convívio é Festa de todos os gaiatos, antigos e novos, de norte ou sul. Mas é, também, e principalmente, um hino de louvor que prestamos à Obra da Rua por tudo quanto dela recebemos.

Tantas coisas que o nosso Pai Américo fez, que nunca mais pararemos de o recordar! Desde o grande amor que tinha pelos Pobres do Barredo — no Porto — que visitava todas as semanas, levando tudo o que tinha em casa para lhes valer. Mas, embora essa multidão de Pobres vivesse numa miséria absoluta, a verdade o que mais queriam era a sua palavra de conforto. Foi para lembrar este grande Homem que nos reunimos nesta Festa-Convívio.

Toda a família de Gaiatos e Padres da Obra da Rua nos prostramos na capela de Paço de Sousa, a seu lado, e rezámos uma pequenina oração a Deus para que o tenha sempre em Sua inteira glória, pedindo também a Pai Américo que interceda junto de Deus por todos os seus Gaiatos, pelos seus Padres, pelos doentes do Calvário, por todos os que sofrem e por todos os amigos da Obra da Rua.

Em seguida, depusemos na campa um singelo ramo de cravos, branquinhos como a sua alma, já regados com algumas das nossas lágrimas.

Estiveram presentes à volta de 600 pessoas, desde gaiatos e seus familiares, e poderiam estar muitos mais, mas o esquecimento e a ingratidão vão-se apoderando de alguns pelo que todos devemos ao nosso Pai Américo.

Estiveram também presentes colegas da Casa do Gaiato de Lisboa, de Miranda do Corvo e suas famílias. O nosso Padre Horácio lá veio, como nos anos anteriores. Também esteve o nosso Padre João da Casa do Gaiato de Setúbal.

De manhã, fizeram-se duas corridas de atletismo. Saíram vencedores os mais valentes, a quem foram distribuídas taças e medalhas.

Seguiu-se a Missa. O almoço foi servido logo após a celebração.

Este ano, arranjaram-se mesas e bancos, de maneira que todos ficassem sentados e para maior rapidez na distribuição. Assim, correu tudo melhor e com mais ordem.

Houve variedades pelo conjunto do Faustino Quidiongo que trouxe acompanhantes. Todos gostaram do show.

À tarde, a sardinhada da praxe com caldo verde, bolos, etc. Aí houve descarrilamento. Talvez o cheiro agradável das sardinhas assadas tenha posto tudo em alvoroço, quando pretendíamos que estivessem sentados para um serviço eficiente. Não foi possível. Cada um procurou servir-se. Ao fim, tudo resultou bem e as sardinhas acabaram por sobrar!

Um agradecimento especial ao nosso cozinheiro, Henriques. Fez o almoço que agradou a todos. À esposa do Júlio da Silva («Tira-olhos») cooperadora do Henriques na confecção da refeição. A outros mais e respectivas esposas. Trabalho a rodos! Mas, no final, estavam felizes. Também ao Quim

Cantinho das senhoras

Convite

Já lá vão umas dezenas de anos que O GAIATO, cujo número não tenho agora presente, publicou um convite de Pai Américo, em poucas linhas, como era seu costume.

Serviu-se do Evangelho de S. Mateus: «Entrai pela porta estreita que conduz à Vida».

Responderam a este convite cinco senhoras (duas das quais o Senhor já chamou) para colaboradoras da Obra da Rua, servindo os abandonados sem recompensa alguma ou promessas, nada para este mundo, tal como o Mestre sempre ensinou.

Ao longo dos anos, uma ou outra tem aparecido. Poucas para tanto que é preciso! Quem lê e medita o Evangelho?

«Sim, eu gostava; mas a minha profissão, a minha reforma, sempre habituada a dispor de dinheiro...»

Pai Américo, mais tarde, dizia-nos: «Não tereis a beleza de um hábito, um nome especial, a festa dos votos, nada; apenas servir os Outros por amor de Deus, em serviço escondido».

E continua Jesus, em S. Mateus: «Sois o sal da terra». Mas este deixa de se ver depois de actuar. Desaparece.

Ainda o Mestre: «Não vos inquieteis com as coisas terrenas. Olhai os lírios do campo, as aves do céu; não colhem, não fiam, e que lhes falta?»

Servir

Que bela a descrição do Evangelho quando nos conta como foram chamados os discípulos: «Vem e segue-Me.» Deixavam tudo, apenas confiados na promessa: «Entrai pela porta estreita, que dá para a Vida; larga e espaçosa é a que conduz à perdição».

Diffícil ser disponível neste mundo em que conta o ser e não o ter!

Desprezado e alegre, generoso sem esperar recompensa, sem ilusões.

«Desilusões e mais desilusões — lemos nós em Coeeth — tudo são desilusões.»

Motivações profundas que nos transcendem, com base na Fé, são capazes de orientar a nossa vida e nela perseverar a favor dos Outros. Não motivações emocionais, mas algo que eleve para o Além, repito, com base na Fé, seguindo as exigências do Evangelho: «Neste mundo cem por um; e depois a Vida eterna».

Virgínia

Malanje

Reflectindo

Nunca, como hoje, a urgência de uma nova face na evangelização. O tirar da arca-do-Evangelho um vestido novo:

*Mudança de clima;
uma nova mentalidade;
ultrapassar o risco tradicional e rotineiro.*

Uma evangelização que não se contente com as visitas esporádicas e a «fugir»; com os bonitos ofertórios cantados e bailados; com as magras pinguinhas de ajuda.

Somente, verdadeira, a evangelização — quando atinge o homem todo:

*Na sua educação;
sua conduta moral;
e sua formação social.*

Ouvi a alguém: «Sempre e em todos os lugares as guerras roubam ao homem a consciência da sua dignidade».

Fiquei pensando e daqui este «Reflectindo».

Não será papel da Igreja a restauração desta dignidade e a condução do homem a uma tomada de consciência da mesma?

O Povo perdeu a capacidade de clamar pelos seus direitos porque nem sequer os conhece. Também — papel da Igreja — educar o povo para uma tomada de consciência dos mesmos.

Entra, neste momento e neste caminho, a denúncia de todas as injustiças e fontes de corrupção. Isto, é evidente, porque a paz só nascerá nos

caminhos da Justiça. «A vida e a paz são fruto da Justiça.»

Que bom e benéfico para o Povo se os braços fortes e armados dos «partidos» se empenhassem, verdadeiramente, na promoção da Justiça e da Paz!

Cá por dentro

Chegaram — o Mário, o Nuno e o Cachoar.

O Mário, já casado e com um filho, mestre de trabalhos manuais numa escola de deficientes, veio ajudar-nos nas suas férias. Começou pela capela; a seguir será o nosso refeitório; depois, o assentamento de portas e janelas. Nos intervalos, o seu retoque nos móveis, jardim e árvores — o seu dedo de artista e do belo! Tarefa grande para férias tão pequenas!

O Nuno — «Pomba» — tomou já conta dos mais pequenos: lavagem da louça, limpeza de casas e ruas. Nunca tiveram um encontro com o trabalho... O primeiro contacto gerou pasmo. Pouco a pouco será hábito benéfico e educativo.

O Cachoar, pois, logo que chegou, o nosso cozinheiro ficou doente. Nem de propósito — Cachoar, cozinha. Tem-se saído menos mal. De resto, são simples os menús: almoço — fuba com peixe seco ou sardinha de lata; jantar — arroz ou massa com salsichas a fugir. Que saudades tem o Cachoar das ricas batatinhas de Miranda do Corvo...! Até eu...! Não conseguimos semente.

Milhões de africanos que não passam a fronteira do funje, farinha torrada e ervas!

Imaginem o sorriso dos nossos olhos ao descobrirmos, nos contentores das janelas e portas, um saco «disto ou daquilo»... E ao vermos nas sacolas dos que vieram os mimos que nos mandastes! Contentes e gratos.

Padre Telmo

carpinteiro e ao Neca que fizeram as mesas e bancos, assim como aos «recrutados» chamados a servir a refeição como se fossem grandes profissionais de hotelaria.

Até ao ano, se Deus quiser.
Fernando Marques

DOCTRINA



Ele há um apanhar de trapos igual ao polir de diamantes.

A Casa de Repouso do Gaiato Pobre foi lançada para acudir a tempo ao pequenino predisposto e ameaçado do mal dos nossos tempos; porém, já nos apareceu um caso que vem desvirtuar um nadinha a sua finalidade, sem destruir a sua função — o coração resiste à geometria!

A mãe deixou-o em casa aos cuidados da avó — ele e mais dois irmãos; e abalou para Coimbra, servir. Mulher de muitos maridos, quer correr fado por estradas largas, no doce e fácil engano do «já tinha de ser assim»; e procura as cidades como as borboletas a luz, para se queimar.

A breve trecho saem também os filhos de casa. O mais novo de todos dá serventia em casa onde é mal tratado e foge; pede nas feiras, dorme nos palheiros, vai aos mandados de quem no ocupa; e, como ouvisse dizer que tem a mãe em Coimbra, põe-se a caminho em cata dela.

A polícia prende-o. Sai dos calaboiços desorientado, a chorar. Ensinam-lhe o nome e morada do Padre Américo. Não hesita, vem ter comigo.

Vejo uma criança à minha beira, tisonada, cintilante, cabelos compridos, andrajos. Conta a sua história, tem medo do calaboiço, quer ser acolhido.

Hoje, na Casa do Gaiato, no meio deles, este é uma bênção de Deus. Sabe e compreende que não é da classe dos doentes. Quer trabalhar e trabalha na quinta, a par do feitor. Há dias, cavavam os dois um campo de sementeira. Ao fundo, dez garotos apanham grilos, borboletas e flores — são dos fraquinhas. Eu apareço na orla do campo e o nosso ex-vagabundo faz pausa, olha-me e grita: «Senhor Padre Américo, mande aqueles gajos dali para fora que me estão a tentar!» E deixa cair a enxada na terra, atento ao seu trabalho, muito alegre, muito vivo, muito grato!

A polícia prende, não defende. Este pequenino de dez anos, sem pais, sem carinho, filho da rua e ouvinte das suas lições, ia dela direitinho para o banco dos réus, se não fosse para a Casa do Gaiato. Vou gastar muito do teu dinheiro para o vestir e educar, largamente compensado pela esperança de dar um Homem de Bem à Pátria, tirado à certeza das galés.

O. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2º vol.)

SETÚBAL

Forças que nos estimulam a todos os sacrifícios

OS peditórios, no mês de Agosto, são para nós uma imposição da vida, a que nos consagramos. O cansaço a que estamos sujeitos e o desgaste que vamos sentindo não nos desobrigam.

O peso das necessidades que carregamos mais a premissa de pregar a Palavra Eterna actualizada, são forças que nos estimulam a todos os sacrifícios.

Assim, sábado depois do almoço deixamos o bulício atraente dos rapazes, nas obrigações, na piscina, no campo de futebol, na praia e lançamo-nos à estrada, a percorrer centenas de quilómetros, debaixo de um sol escaldante, no meio de um trânsito medonho, Alentejo abaixo, a caminho do Algarve.

Os Párcos são acolhedores e abrem-nos os púlpitos fraternalmente, salvo um ou outro frade mais agarrado à sua capelinha, com medo de perder algum tostão.

As igrejas estão apinhadas de gente vinda de todos os cantos do País e do mundo, ávida de uma palavra que a ilumine e ajude a subtrair-se às seduções do mundo e do dinheiro. É profundamente reconfortante observarmos as multidões de olhos cravados nos nossos olhos em concentrada atenção como quem não quer perder uma única palavra.

A última jornada foi na Quarteira e em Vila Moura. Há décadas que as portas desta Igreja estão abertas à Casa do Gaiato, em absoluta comunhão e partilha. A Palavra de Deus falava das desilusões que a vida material pode acarretar se não for posta em prática a proposta evangélica de repartir os bens com os que mais precisam. Jesus, portador da autoridade do Pai, conta a parábola do

homem rico, cujo campo produzira uma excelente colheita e se deixou embalar pela voz do amor próprio e a insensatez — sabedoria do mundo: «Ó alma tens bens em abundância para largos anos; come, bebe, regala-te!»

É exactamente o perigo que correm os nossos irmãos em férias, sobretudo se os seus bens são abundantes. É necessário, é urgente alertá-los, mostrando-lhes a face da vida dos Pobres.

Esta urgência é para nós uma grande força! O argumento muito concreto que lhes apresentei foi a casa para os Gaiatos que vão casando e a sua incapacidade para adquirir uma habitação digna, dadas as injustas circunstâncias económicas em que vivemos e que nos obrigam a ajudá-los na medida das potencialidades pessoais de cada um.

Cada homilia é um banho de suor físico, dada a temperatura alta que nos circunda e um refresco profundo da alma, dada a graça de que somos portadores!

Um peditério enche-nos de alegria apesar da canseira que nos provoca.

Hoje, o Padre Cristóvão deixa a Casa do Gaiato de Lisboa, leva o Victor e o «Gatinho» e vão os três para Lagos e Praia da Luz.

Comigo seguem o Sidónio e o Bruno e rumamos até Vila Real de Santo António e Monte Gordo.

O meu tema e os meus argumentos movimentam-se na continuidade da mesma Palavra que serve as comunidades eucarísticas.

Padre Acílio

É o coração que fala

O fax do Júlio Mendes pressionou-me a escrever. Não é que o coração ande sem assunto. Mas eles são tantos e tais e de todas as horas, que se torna difícil dizer dos que mais magoam ou reconfortam. É o coração que fala.

O Rapaz é o centro das nossas aflições. Por eles, de manhã à noite, a mesma lufalufia interior; a mesma ansia do coração: salvá-los por inteiro que os anos verdes da sua infância ou da sua adolescência, tão marcados, não se compadecem com demoras. Para que o rapaz cresça, procuramos que nada passe despercebido. Intimidamos a consciência por todos os modos e meios e falamos ao coração, quando o assunto é íntimo e exige atalho.

O Rapaz, sempre no centro. Face à sua consciência, aos outros e a Deus. Este o nosso método e nada mais.

O Bruno chegou, há dias, das encostas de Miragaia — Porto. Veio com ele mais um irmão de oito anos. Um semblante expressivo, olhos vivos, uma experiência de rua, de marca.

Os vicentinos, incendiados pelo fogo que ainda por ali se sente da passagem de Pai Américo, tomaram conhecimento de coração. Depois, por acção deles, interveio o tribunal. Foi difícil juntar os dois. O Bruno estava com um tio e o Ricardo andava por lá com a mãe. Um enorme risco!

O tribunal decidiu por «Decreto do Meritíssimo

PARTILHA

Juiz, confiá-los provisoriamente à Casa do Gaiato e acrescenta: «por um ano». Opus-me a recebê-los apoiado nesta decisão do tribunal. Daqui a um ano voltariam para onde? Para hipotéticas conjecturas da assistência social? Que sejam confiados provisoriamente... Tudo é provisório neste mundo. Mas admitir por um ano não dá confiança a quem os recebe — Casa do Gaiato — nem apoia a criança, farta de experimentar colos e lares. A assistente social estranhou também a decisão do magistrado. Que ia protestar. Nós, aqui, o fazemos. Só por engano ou desconhecimento da nossa vida é que assim se pode legislar. Toda a estrutura da nossa vida assenta na Família. Como tal, requer estabilidade e confiança.

O Bruno, apoiado nas diligências da assistente social, sempre veio. Já me fugiu duas vezes. Nesta última fui buscá-lo a 10 km da nossa Casa. Alguém surpreendido com a ingenuidade da sua pergunta — tratava de saber o caminho mais perto para o Porto — telefonou-me dizendo que parecia da Casa do Gaiato. Fui lá buscá-lo prontamente. Disse-lhe que bastava de aventura. Depois, falei com ele. Tem-me procurado com frequência. Por tudo e por nada bate ao escritório. Tenho procurado compreender. Há dias entrou, chorando convulsivamente: «Sr.

Padre, o meu tio não podia adoptar-me?» O tio de quem fala, segundo o parecer do tribunal, não o quis receber.

Um mandato injusto

Às vezes sinto uma fraqueza radical diante das lágrimas destas crianças e dos seus desejos de colo e de lar... Fico sem jeito e sem resposta. À minha frente o miúdo clamando justiça: um lar,

uma família; aquele desejo de adopção... Por outro lado, o tribunal, sem família para lhe dar, com um mandato que me parece injusto... Aqui, as minhas aflições.

Não desejaria ver o Bruno e o Ricardo voltarem à encosta de Miragaia, onde, decerto, não se vislumbra, tão depressa, o calor da família que queremos ser para eles. Sim! Que a Casa do Gaiato lhes faça justiça. Por ela mesma — a Justiça — a Casa do Gaiato nasceu no coração de Pai Américo e em nós cresce e clama. Que a justiça dos homens se não acomode também.

Padre João

A Escola

Continuação da página 1

Não vamos pensar genericamente que a capacidade intelectual das gerações em idade escolar diminuiu nas últimas décadas. Do decréscimo do seu rendimento não são elas a causa mas as vítimas. Vítimas da instabilidade de um sistema dito educativo em permanente mudança, de tal modo que nunca ninguém sabe ao certo o que se quer nem se chegou ainda a qualquer meta coerente que associe indefectivamente a função de instruir e a missão de educar. Vítimas de uma explosão escolar decerto necessária, mas ineficaz porque impossível em verdade sem as infra-estruturas humanas que têm parecido coisa de somenos face às infra-estruturas materiais que se vão multiplicando. Estas são um bem... que se esvazia à falta de um corpo docente que seja a alma delas e lhes dê vida. E um Educador faz-se; mas antes disso é. Tem de ser uma vocação. Coisa tão preciosa é rara.

Li esta semana que «Professor é um tratamento muito respeitoso na China». E pensei como era bom que assim fosse universalmente. Decerto que, para tanto, não basta a competência científica. É necessária uma personalidade que não se improvisa nem simplesmente se aprende nos livros. É necessária uma dedicação cujo preço real só os discípulos que se fazem, o poderão saldar.

Não só por aqui, mas decerto por aqui passa a insanidade da Escola que nos causa preocupação.

Padre Carlos

Há muito que fazer!

Contentarmo-nos com o pouco é o nosso dia-a-dia. Aceitar o não poder fazer nada, é quase uma obrigação. Tentar fazer o que é possível, a nossa missão.

Sábado, pelas 17 horas, apareceu a Telma. Ela tem quatro anos. Olhos tristes, a chorar. A mãe acompanhava-a. Pergunto o que tem a criança. A mãe responde: «Desde ontem que não come nada. Lá em casa não há nada. Mandei-a a casa dos vizinhos. Também não há. Procurei a minha família. Estão na mesma. Então, vim incomodar. Não peço para mim, mas para a minha filha. Já não consigo ver esta criança a chorar de fome!»

Este é o caso da Telma. E se fôssemos citar muitos que acontecem no dia-a-dia, quase já daria para escrever livros.

Os nossos rapazes quando chegam é preciso deixá-los à vontade. Comer até ficarem saciados. O Tiago tem 6 anos. Durante a vida só comeu pele de animais. Dormia debaixo de árvores. Quando chegou não conhecia frutas. Deixava-nos emocionados. Davam-lhe a fruta, na hora da sobremesa. Beijava-a muitas vezes antes de a comer. Ainda hoje continua a fazer o mesmo! Tiago, sim, sabe agradecer a Deus nesse seu gesto simples de beijar o que recebe. Com este beijo do Tiago, lembro aqueles corações que se abrem para nos ajudar. Juntos, louvemos e agradecemos. O que muitas vezes é jogado no lixo, daria para evitar muitas mortes. Você seria capaz de ver muitas crianças a sorrir? Ajude com um pouco daquilo que lhe sobra. Chegámos cá há um ano. Já temos 37 gaiatos em instalações provisórias. É hora

Notícias de Moçambique

de começar a pensar no futuro. Há muito que fazer, desde a preparação do terreno até a construção da Aldeia.

Se aceitar o desafio, venha conhecer de perto Moçambique. Quitéria Torres

O grande desafio da Rua

Finalmente, encontro-me na grande Seara do Senhor. Estou em Moçambique há pouco mais de um mês. Coisas novas encontrei... Umas que já esperava, outras que nem imaginava...

Não consigo encontrar palavras para exprimir o meu contentamento por estar aqui, a colaborar no início desta grande Obra. Estou certo de que conseguiremos com força de vontade, empenho e confiança em Deus...

O Padre José Maria e a irmã Quitéria são a prova disso. Mesmo com muitas dificuldades e poucas condições, lançaram-se no grande desafio da Rua: trazer rapazes identificados com ela.

São os rapazes que nos dão forças, que nos fazem levantar a cabeça em horas de algum desânimo... Eles são a prova de que vale a pena lutar; mesmo que sejamos só uma «gotinha no imenso Oceano...»

Carlos Roda

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

Há dias, numa reunião dos nossos mais velhos, um deles desabafou: «A maior tristeza da minha vida é não saber quem é o meu pai». A mãe — e com certeza também o pai deste jovem — são naturais de ilha muito distante. Mas o filho deseja saber quem é o pai. É um direito dos filhos. É também um dever dos pais aceitarem os filhos que geram.

Apesar das leis do nosso País, aparecem muitos meninos em nossas Casas que continuam a não ser registados com o nome do pai. Parece que voltámos a uma época de geração espontânea. E dizemos, e orgulhamo-nos

ao dizer, que somos um povo com civilização cristã.

Também este é tema de meditação. Não podemos aceitar de ânimo leve estes sinais de paganismo. Temos de fazer guerra a este paganismo. Que todos os filhos saibam quem é seu pai e quem é sua mãe. É um direito e um dever.

É um encanto ver os ninhos com passarinhos: o cuidado dos pais. É um encanto ver a nossa vacaria e as nossas pocilgas: as vacas e as porcas a cuidar tão bem dos vitelinhos e dos leitões. É tão triste ver tantas crianças abandonadas!

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239